



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

Pamela Cardoso Carvalho

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS APRENDIZAGENS DOS/AS ALUNO/AS –
PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**São Gonçalo
2012**

Pamela Cardoso Carvalho

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS APRENDIZAGENS DOS/AS ALUNO/AS –
PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Faculdade de
Formação de Professores da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, como parte
integrante dos requisitos para aprovação no
Curso de Graduação em Pedagogia

Orientadora: Professora Doutora Regina de Fatima de Jesus

**São Gonçalo
2012**

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

C331 Carvalho, Pamela Cardoso.

Práticas pedagógicas e as aprendizagens dos/as alunos/as – percepções das professoras do ensino fundamental / Pamela Cardoso Carvalho. – 2012.

38f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina de Fátima de Jesus.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação. 2. Cotidiano escolar. I. Jesus, Regina de Fátima de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

CDU 371

Pamela Cardoso Carvalho

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS APRENDIZAGENS DOS/AS ALUNO/AS –
PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a
Obtenção do grau de licenciada em Pedagogia

APROVADA EM _____

Profª Drª Regina Fatima de Jesus (orientadora)

Departamento de Educação da FFP/ UERJ

Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (parecerista)

Departamento de Educação da FFP/ UERJ

São Gonçalo

2012

Dedicatória:

Dedico este trabalho a duas pessoas muito especiais, a quem devo parte do que sou. A você meu pai, pelos dias de conversas, de puxões de orelhas, pelos olhares de reprovação, enfim, por tudo que fez pensando sempre no meu crescimento. Sei que se estivesse aqui nesse momento estaria muito orgulhoso. Dedico também a minha mãe, razão da minha vida, que está sempre comigo, confiante e sempre orgulhosa de tudo o que faço. Que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos e acreditar que sou capaz.

Agradecimentos:

- A Deus por ter me dado forças para lutar contra os obstáculos e saúde para concluir esta etapa.
- Um agradecimento especial a minha orientadora Regina de Fatima de Jesus, pela paciência e pela grande ajuda em todos os momentos que precisei.

- A minha mãe Sandra, que é meu exemplo de força, determinação, uma verdadeira vencedora. Obrigado por estar sempre presente e me incentivando para que eu nunca desistisse dos meus ideais.
- Ao meu irmão Raul, que apesar de nossas diferenças, sempre torceu por mim e me deu forças pra não desistir.
- Ao Guido, amor da minha vida, companheiro e amigo de todas as horas.
- A minha tia Glória e ao meu tio Santos (meus segundos pais), que sempre acreditaram no meu potencial.
- A minha avó Elvira que está sempre orando por mim.
- A minha amiga Nathália que me incentivou a me inscrever no vestibular e escolher o curso de pedagogia.
- A minha turma de Pedagogia do ano de 2007, pois com ela eu vivenciei os melhores momentos da minha vida na faculdade.
- A todos do Ciep Jornalista Wladimir Herzog e Educandário Guilherme Costa, pois foram sujeitos fundamentais na conclusão desse trabalho.

*Há quem diga que todas as noites são de sonhos.
Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.
Mas no fundo isso não tem muita importância.
O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.
Sonhos que o homem sonha sempre.
Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado."
(Shakespeare)*

Resumo

O presente trabalho monográfico aborda práticas pedagógicas de professoras do ensino fundamental de duas escolas, uma particular e outra pública, com o objetivo de fazer uma análise reflexiva das experiências das professoras ao longo de sua profissão a partir de dados produzidos pela aplicação de um questionário.

A pesquisa se deu na maior parte no ano de 2011, durante o qual tive a oportunidade de ter maior contato com os sujeitos desta pesquisa – as professoras das duas escolas. A primeira escola foi escolhida por proximidade familiar e a segunda por ser a escola em que realizei as atividades de Estágio Supervisionado II, sentindo-me parte daquele processo, pois desenvolvi trabalhos junto com uma das turmas e, no decorrer das visitas, pude sentir como se estabelece a relação professor-aluno naquele cotidiano.

Assim, o objetivo principal deste trabalho monográfico é refletir não só como as práticas pedagógicas podem ser elaboradas para que o processo de aprendizagem seja satisfatório para todos, mas também sobre a importância da relação entre professores e alunos baseada no respeito, reconhecimento, companheirismo, enfim, uma relação em que ambos reconheçam a importância um do outro, visando um desenvolvimento da aprendizagem mútua.

Palavras-chave: cotidiano escolar; relação professor/a-aluno/a; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This monograph addresses the teaching practices of elementary school teachers from two schools, one private and public, with the goal of making a reflective analysis of experiences of teachers during their occupation from their own accounts.

The research took place mostly in the previous year, 2011, in which I had the opportunity to have greater contact with the object of research that would be the teachers of both schools, the first and second proximity family to be part of supervised II in which I felt part of that process, because development work with the class and during the visits I feel as if you created a teacher-student relationship that everyday.

Thus, the main objective is to reflect not only how teaching practices can be developed for the process of learning is satisfactory to all, but also the importance of the relationship between teachers and pupils based on respect, recognition, fellowship, finally, a relationship that both recognize the importance of one another, seeking a development of mutual learning.

Key-words: school routine, teacher-student relationship, teaching practices.

Sumário

Introdução – Memórias de minha escolaridade e encontro com a pesquisa -----	p. 10
Um encontro -----	p. 15

Caminhos da pesquisa	p. 17
Referenciais teóricos – alguns diálogos	p. 19
Objetivos e possíveis encontros	p. 24
Reflexões sobre as práticas pedagógicas	p. 26
Considerações finais	p. 35
Referências Bibliográficas	p. 37
Anexo	p. 38

Introdução

Memórias de minha escolaridade e encontro com a pesquisa

Moro desde 1 ano de idade no mesmo bairro, onde fiz amigos e estudei até os 14 anos. Sempre tive uma ótima relação com a escola. Mamãe conta que sempre gostei de

aprender coisas novas e gostava muito de “fingir” que estava ensinando alguém, que não fosse meu irmão. Como sou mais velha que minha amiga Tairinne e minha prima Greiciane, pode-se imaginar quem eram minhas alunas na “séria” brincadeira de escolinha. Eram horas ali até que alguém desistisse da brincadeira. Mas na hora que minha mãe pedia para ajudar o meu irmão, eu me recusava. Ele não aceitava o jeito que eu ensinava, acho que talvez o coitado ficasse confuso, por que ele aprendia de um jeito e eu de outro. Eu impunha sempre o meu jeito como verdade absoluta, coisa de criança, o que hoje vejo como ignorância de minha parte, mas ele (meu irmão) como era muito genioso não aceitava e além de não entender, acabávamos brigando. Mamãe nunca teve paciência nem jeito para nos ajudar nos exercícios de casa, dizia sempre que não entendia nada, não estudou muito etc, além de alegar que não tinha tempo, pois os afazeres domésticos e o fato de se dedicar a família tomavam todo o seu tempo. Mas exigia que fizéssemos todo o exercício e que eu ajudasse meu irmão. Eu, mesmo adorando ensinar do meu jeito, não aceitava que meu irmão não entendesse o que eu dizia, ou que demorasse pra fazer algum exercício. Hoje do lugar de onde falo como aluna do curso de pedagogia, penso que essa minha atitude, me remete a uma reflexão muito interessante do texto de Sampaio que diz:

As crianças que precisam de ajuda ainda são compreendidas, por um grupo de professoras da escola, como as fracas, as que não estão acompanhando a turma e precisam, portanto, ficar mais um ano na mesma série de modo a construir a tão proclamada e desejada *autonomia*. Mas, o que compreendemos por dependência? E por autonomia? A criança independente e autônoma é a que, sozinha, realiza as atividades propostas? A que não precisa perguntar? A que não incomoda?(SAMPAIO, 2008, p.97)

Algo que marcou muito minha infância, foram as folhas arrancadas do caderno, pois papai era muito rigoroso, “tomava” a lição todos os dias e nos castigava tirando a folha do caderno e fazendo-nos copiar tudo novamente, caso achasse que não estava bom. Eu confesso que gostava muito do que aprendíamos na escola, dos conteúdos e tudo mais, mas o meu irmão dizia que odiava tudo aquilo e que ia a escola por obrigação, chorava e reclamava por horas. Eu nunca soube para quê tantas exigências e regras, não que eu seja contra as regras, é necessário, mas tudo tem um limite. Creio que não serviu muito, toda aquela exigência do papai, porque meu irmão nunca gostou de estudar, enquanto eu adoro. Sempre gostei de ajudar os colegas na sala, quando via que alguém estava com dificuldades e eu já achava fácil, mas as professoras não gostavam muito. Esta é uma prática com qual não concordo e o pensamento de Sampaio, trazido anteriormente ajuda a continuar:

As crianças que precisam de ajuda ainda são compreendidas, por um grupo de professoras da escola, como as fracas, as que não estão acompanhando a turma e precisam, portanto, ficar mais um ano na mesma série de modo a construir a tão proclamada e desejada *autonomia*. Mas, o que compreendemos por dependência? E por autonomia? A criança independente e autônoma é a que, sozinha, realiza as atividades propostas? A que não precisa perguntar? A que não incomoda?(SAMPAIO, 2008, p.97)

É importante para o desenvolvimento do aluno, essa interação com o outro, a troca é algo que só faz acrescentar no processo de aprendizagem do aluno e que na maioria das vezes é vista como desordem. Como sinaliza Sampaio:

Muitas crianças não terminavam atividades no tempo “previsto”, sinalizando-nos que o cotidiano da sala de aula é constituído sobre tudo por um tempo qualitativo vivenciado como significação e sentimento. Nos *tempospaços* da sala de aula estão implicadas dimensões outras, da professora que acolhe (ou não acolhe) os alunos e alunas, da professora que ensina e aprende com as crianças, em relações intersubjetivas de pessoalidade, afetividade e troca, entremeadas em um tempo que também é excessivamente recortado, fragmentado e manipulado. Vivenciávamos, professora, crianças e pesquisadora, um tempo simultaneamente qualitativo e quantitativo, cíclico e linear heterogêneo e homogêneo. (SAMPAIO, 2008 ,p.95)

Em caso de dúvida sobre um assunto já discutido em sala, eu sempre me sentia mais à vontade em ouvir um colega ao qual eu tivesse uma maior intimidade, ao invés de ouvir a professora em particular. A figura da professora sempre me intimidou e acho que não conseguia fazer perguntas, pois tinha receio da resposta. Como já disse eu gostava do que aprendíamos na escola, das relações que tínhamos com os colegas e das coisas novas que descobríamos naquele espaço, mas a atitude da professora em relação as nossas dúvidas e dificuldades na aprendizagem era o que me incomodava. Tinha uma amiga que compartilhou vários anos de estudo comigo, ela me passava uma tranqüilidade, me ouvia e depois tentava me explicar, já a professora me olhava de um jeito que me deixava envergonhada e até com medo e ao tentar me explicar parece que estava enfurecida com as minhas indagações. Enfim, foi uma fase desagradável, mas nem por isso deixei de gostar da escola. Pode parecer bobagem, mas isso ficou gravado em minha memória e ao longo do meu desenvolver como aluna, eu pensei que se um dia eu tivesse a oportunidade de estar em uma sala de aula como professora, eu tentaria ter uma boa relação com meus alunos, a ponto deles sentirem-se a vontade de exporem suas opiniões. Em caso de dúvidas, eu tentaria indagá-los, levando-os de algum modo ao resultado desejado, sempre respeitando seus espaços e tempo. Assim podemos observar no pensamento de Sampaio (2008), quando ela diz que provocando o aluno e apresentando-lhe recursos diversos, é possível ajudá-lo em sua aprendizagem, respeitando seu tempo de aprendizado.

Eu e meus colegas quando estávamos na terceira série, montamos um grupo de estudos durante quase um ano, ali nós discutíamos, trocávamos idéias, ajudávamos uns aos outros, enfim, nos sentíamos iguais apesar de nossas dificuldades. Sentíamos uma liberdade, tudo se tornava mais fácil. Acho que só o fato de respeitarmos uns aos outros, as idéias diferentes, as dificuldades e no fim sempre chegarmos juntos ao senso comum, isso nos ajudou a permanecer e acreditar que éramos capazes. Essa estratégia de buscarmos uma forma mais cômoda para que pudéssemos aprender o conteúdo que nos era “transmita”, me remete a um pensamento de Esteban e Zaccur (2002), em que elas nos fazem refletir o quanto é importante que as professoras sejam também pesquisadoras de suas práticas, pois com essa ferramenta, elas terão a possibilidade de perceber o cotidiano escolar em que estão inseridas e tentar transformá-lo.

Sempre imaginando que um dia eu poderia ser professora, pensava que uma das minhas idéias seria incentivar essa prática aos meus alunos (de reunir os amigos e trocar conhecimentos). Eu nem imaginava que um dia pudesse estar me graduando como pedagoga e que diversas realidades pudessem passar diante de mim e que tantas idéias pudessem surgir ao mesmo tempo.

Sempre me incomodou essa idéia, que eu mesma já tive um dia de que o professor fosse o “todo poderoso”, o “dono do saber” e que o aluno, estava ali como “depósito”, que nada sabia e nada tinha para contribuir com a aula. Durante muito tempo eu tinha internalizado esse modelo de escola no qual o aluno tem que ficar absolutamente quieto e focado em tudo que o professor estiver falando. Mesmo que eu tivesse uma visão “extraordinária” do que ela estava falando, que talvez rendesse uma aula sensacional, ou que pudesse ajudar aos meus colegas no entendimento da matéria, eu não falava nada. Pensava que eu podia estragar a aula se interrompesse com minha idéia. Sempre foi assim. Você é a melhor aluna da sala! Dizia a professora. Não gosto dessa frase! A melhor, pois não respondia, não pedia para sair, não questionava, não interrompia ora alguma. Esteban e Zaccur, nos fazem refletir sobre uma interessante passagem, em que podemos perceber que em meio a esse turbilhão de professoras que reprimem os pensamentos dos alunos, há uma possibilidade de ter aquelas que já repensam suas práticas pra melhor entender o processo:

Muitas vezes, o discurso pedagógico é prontamente assimilado, mas não chega a revitalizar a prática, outras vezes provoca resistência das professoras que, fechada a porta da sala de aula, voltam as práticas consolidadas. Há ainda casos, em que a ação pedagógica se “renova”, mas na realidade vive-se

a mudança pela não-mudança, confiantes na modernidade do “novo” fazer. Mas, é claro, não faltam aquelas que recolhem e processam as informações recebidas, entretendo-as a sua história de professora atenta à leitura das sinalizações do cotidiano. Não seriam essas as professoras que já se questionavam, as que já buscavam entender o processo? (ESTEBAN e ZACCUR, 2002, p.13)

Acho que esse medo da repressão da professora afetou muito minha vida, pois tenho uma dificuldade enorme de falar em público, posso ter ótimas idéias, mas elas “fogem” completamente quando sei que estão todos direcionando seus olhares a mim, esperando algo de mim.

A partir dos estudos, dos conhecimentos construídos, das provocações das leituras feitas, acho que estou melhorando, sentindo-me mais segura, mas ainda é grande minha auto-cobrança, minha auto-exigência de “acertar”.

A vontade de ser professora nunca foi tão grande como está sendo agora. Tenho vontade de entrar numa sala de aula, sentir como é poder ajudar as pessoas sem medo delas ou elas de mim. É engraçado! Não sei explicar bem. Quero criar um vínculo com meus alunos, de amizade, respeito, liberdade, para desenvolvermos um trabalho em que eles possam se perceber como agentes na construção de seu conhecimento. Quero que eles me vejam como alguém que vai ajudá-los a aperfeiçoar o que eles já trazem, que vai ajudá-los a descobrir novas experiências, não como alguém que sabe tudo e que vai mostrar-lhes que eles não sabem nada. Quero estabelecer entre nós uma interação, uma confiança. Sei que pode parecer meio utópico, esse meu pensamento, mas não quero que eles tenham medo de mim e sim respeito e admiração. Penso que por esse caminho, torna-se mais fácil (viável) conseguir boas aprendizagens mútuas.

Muito me preocupa a questão da percepção da professora nessa interação com o aluno, que é o processo de aprendizagem do mesmo, as práticas que são utilizadas por ela, e como estas práticas pedagógicas são ou não aceitas pelos alunos. Sempre vi o professor como uma figura superimportante nesse processo, mas acho que o aluno tem que começar a se perceber também como agente do mesmo, e é por meio de táticas usadas pelo professor que ele vai conseguir enxergar tal feito. Sendo assim considero que cabe ao professor dar esses suportes, permitir essas construções no grupo. Aprendi muito nas aulas de *Estágio Supervisionado, em que a professora nos fez perceber que é de extrema importância que o professor seja um observador/investigador de sua prática. A pesquisa é inerente à prática pedagógica, já nos dizia Paulo Freire (2011). No entanto,

é preciso nos considerarmos professoras-pesquisadoras, como nos mostram Esteban e Zaccur:

É fundamental, portanto, que o/a professor/a se instrumentalize para observar, questionar e redimensionar seu cotidiano. Tal movimento só se torna concreto através do permanente diálogo prática-teoria-prática. A prática sinaliza questões e a teoria ajuda a apreender estas sinalizações, a interpretá-las e a propor alternativas, que se transformam em novas práticas, portanto, ponto de partida para novas indagações, alimentando permanentemente o processo reflexivo que motiva a constante busca pela ampliação dos conhecimentos de que dispõe (ESTEBAN e ZACCUR, 2002, p.21).

Minha expectativa para a nova fase que vai se iniciar daqui a pouco tempo é muito grande, como já disse, sempre sonhei com esse momento e agora que vejo que ele está tão próximo, que eu consegui vencer alguns dos meus obstáculos e que vou poder fazer minha parte por essas crianças que eu acredito que são capazes, eu me sinto imensamente recompensada.

*Estágio Supervisionado I, coordenado pela professora Regina de Fátima de Jesus.

Um Encontro

A escolha de investigar as práticas pedagógicas e a opção por este trabalho monográfico intitulado: “Práticas pedagógicas e as aprendizagens dos/as aluno/as – percepções das professoras do ensino fundamental” devem-se, como refleti em minhas memórias ao processo de minha escolaridade. O que mais me incomodou desde o início da escolaridade, era o modo como as professoras se relacionavam com as crianças, veja bem, não estou generalizando, mas proibir o aluno de ajudar ao outro, de se expressar e construir novos saberes pode provocar um “bloqueio” no processo de autonomia do

aluno, pois como dizia Paulo Freire: “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (2011 p.31). Penso em um processo de aprendizagem construído em conjunto (compartilhar de saberes entre professora e aluno/as e também entre estes/as coletivamente), em que os conteúdos trazidos pelos/as alunos/as são legitimados, considerados saberes e trabalhos, transformando e ajudando-os/as no crescimento e construção como pessoas e cidadãos/ãs.

Concordo com J. B. Freire (1989) quando diz que não podemos propor para uma criança uma educação de corpo inteiro se o que desejamos é que ela se molde ao padrão que já nos vem sendo aplicado e aceito há tempos. Por experiência, mas precisamente na minha infância, pois tive uma professora que não aceitava que compartilhássemos nossos saberes, e não se agradava da atitude de alguns alunos, principalmente a minha que gostava de ajudar os colegas que tinham dificuldade nos exercícios, gostaria, neste presente trabalho de compreender as percepções das professoras acerca das práticas pedagógicas por elas implementadas. Irei estabelecer relações entre as práticas narradas pelas professoras com a realidade escolar dos/as alunos/as, buscando perceber se estão ou não em consonância com o processo ensino-aprendizagem. Farei relação das metodologias utilizadas pelas professoras com a realidade do cotidiano e preocupação que demonstram ou não com a transformação das realidades.

Freire (1989, p.12) nos diz: “De minha parte, estou convicto que só é possível aprender no espaço da liberdade”. A troca entre os/as alunos/as é muito importante, mas nem sempre é bem aceita pelos/as professores/as, na maioria das vezes é vista como desordem. Ao proibir essa prática, o/a professor/a perde a oportunidade de captar e transformar o que está causando a dificuldade de seus alunos e volta às práticas tradicionais. Essa prática de interação deve ser incentivada, pois ajuda a criança a criar vínculos, desenvolver técnicas de raciocínio entre outras coisas que poderão utilizar no seu dia-a-dia. Segundo Paulo Freire:

“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- *a de ensinar e não a de transferir conhecimento*”(FREIRE, 2011, p.47).

Autores como (SILVA & CUNHA, 2007; FILHO, 2005), vem abordando de diferentes ângulos esta temática vivenciada na escola. Acho que é algo que vem incomodando bastante os pesquisadores e professores-pesquisadores. Estamos

engessados a uma forma de educar que não cabe mais ao nosso meio e as relações que estabelecemos com o outro.

Essa crítica às ações mecanicistas que ainda vemos em algumas escolas deve ser vista como construtiva sim, pois os indivíduos estão cada vez mais críticos, estão cada vez mais esclarecidos do direito que têm de serem ouvidos, de opinarem e estão se percebendo também como agentes do seu próprio conhecimento e reconhecendo certas metodologias como ultrapassadas. Temos que abrir espaço ao novo e buscar novos meios para lidar com esse novo processo. Por isso acho que esse assunto deve ser sempre colocado em discussão e até diria constantemente, pois o ato de educar é algo que está em constante transformação.

Caminhos da pesquisa

Quando pensei em pesquisar sobre as práticas pedagógicas, logo me veio ao pensamento que dependendo de como fosse desenvolver esse trabalho, poderia cair no rotineiro e ser apenas mais um trabalho a falar somente de forma negativa sobre as práticas pedagógicas, como podemos ver em uma reflexão de Zeichner (1998), em que os/as professores/as se sentem usados/as pelos alunos universitários, pois as pesquisas só mostram as práticas pedagógicas de forma negativa, em que as crianças são

prejudicadas e oprimidas. Sendo assim, partindo desses pensamentos de professoras, a escolha desse tipo de estudo me veio. Optei então por pesquisar as práticas pedagógicas, mas de uma forma em que as professoras pudessem explicitar o que pensam, como percebem suas próprias práticas.

Para essa pesquisa foram escolhidas 5 professoras, sendo 2 de uma escola pública de São Gonçalo e 3 de uma escola particular localizada em Itaboraí. A primeira escola é o Ciep Jornalista Wladimir Herzog, localizada no bairro do Paraíso, em São Gonçalo, escola na qual realizei atividades de Estágio Supervisionado e pouco a pouco fui me vendo envolvida e me sentido parte do processo de aprendizagem daquelas crianças. Sendo assim, comecei a ter oportunidade de observar algumas práticas de diferentes professoras, principalmente das professoras Helane e Angélica. A outra escola é o Educandário Guilherme Costa, localizada no bairro do Outeiro das Pedras, em Itaboraí, uma escola que eu tenho relação desde pequena por pertencer a familiares. Nesta escola tive a oportunidade de conversar rapidamente com as professoras Renata, Carla e Cristiane, que se dispuseram a me ajudar, participando da pesquisa.

Com a escolha das duas escolas, pretendia observar as práticas realizadas em dois espaços de realidades e públicos diferentes e com professoras que poderiam ou não ter pensamentos diferentes sobre suas práticas. Como já disse anteriormente, pretendia trabalhar com as professoras, por meio de seus depoimentos escritos sobre as suas práticas. Para isso, desenvolvi um questionário, em que as perguntas levaram as professoras a refletirem sobre suas práticas e a responderem algumas de minhas indagações que talvez sejam a de muitas pessoas, essas respostas foram relatadas neste trabalho levando em consideração todo estudo de textos feito antes, durante e depois do acontecimento da aplicação dos questionários.

A escolha de ouvir as professoras se fortaleceu depois de refletir sobre o pensamento de Zeichner:

“Os professores, por outro lado, sentem que os pesquisadores são insensíveis às complexas circunstâncias vivenciadas em seus trabalhos e frequentemente se sentem explorados pelos pesquisadores universitários. Provavelmente, como grupo, professores não são mais sexistas, mais racistas, e mais incompetentes do que os pesquisadores acadêmicos” (ZEICHNER, 1998, p.211).

Pensei então que valeria e muito ouvir das próprias o que pensam sobre suas práticas, como as desenvolvem, o porquê escolheu a profissão, como vêem sua relação

com os alunos, enfim, este trabalho valorizará a opinião das professoras, tendo o objetivo de contribuir positivamente também para a desconstrução dessa relação de “aproveitamento” que se foi criada na relação do acadêmico e do/a professor/a. Pretendo que minha pesquisa ajude as professoras a repensarem suas práticas e perceberem que há possibilidades de transformar a realidade de suas salas de aulas, o necessário para isso é que elas se percebam pesquisadoras. Digo isso, pois Zeichner nos mostra em uma reflexão, o quanto os universitários estão preocupados em construir trabalhos que some ao trabalho realizado pelos professores:

“Outro bom sinal contra o tipo de pesquisa que simplesmente usa o professor como objeto de estudo é a crescente relutância, por parte da equipe da escola, em tolerar um papel passivo e em aceitar uma situação na qual a “glória” vai para os professores acadêmicos. Nos últimos anos tenho sido um representante universitário no comitê de pesquisa externa no “Madison Metropolitan School District”. Este comitê analisa e aprova todas as pesquisas desenvolvidas na escola. Isto inclui todos os estudos realizados pelos pós-graduandos da minha universidade. Tenho visto uma crescente tendência no comitê para rejeitar propostas nas quais não está claro o que a escola ganhará com o estudo além de um relatório (que normalmente vai para a prateleira pegar poeira)”(ZEICHNER, 1998, p.213).

Que esse trabalho venha contribuir para a uma nova visão em relação ao trabalho acadêmico nas escolas. Que os professores possam ver na academia uma fonte de ajuda para melhoria de seus trabalhos na escola, criando então uma parceria que só irá acrescentar para ambas as partes.

Referenciais teóricos – alguns diálogos

Os graduandos/as (futuros professores/as) têm um ideário em que nem sempre se consegue concretizar e ao deparar-se com a realidade de uma sala de aula, que normalmente é formada de indivíduos de diferentes saberes, pensares, enfim, particularidades, os professores/as por algum motivo muitas vezes, ou até por falta de tempo, ou por acreditarem que não são capazes de transformar aquela situação, se

entregam às práticas conservadoras e não dão oportunidade ao lado pesquisador/a que todos deveriam tomar pra si.

Vem sendo trabalhada e transformada essa questão do saber que o aluno traz de sua experiência cotidiana, mas é comum vermos a dificuldade que muitos deles ainda têm de relacionar a teoria a eles transmitida com o seu cotidiano, pois ao entrarem na escola muitas crianças escutam que o conhecimento que trazem de sua relação com outro, em casa, na rua, enfim, pouca ou quase nenhuma importância tem. Sabemos que essa maneira de pensar ainda encontrada em algumas escolas, nenhuma ligação tem com o modo ou a intensidade de aprendizado do aluno, muito pelo contrário, quando essas questões são aproveitadas, a aula flui com mais interesse por parte deles tornando-se mais prazerosa. Para reforçar essa idéia da importância do que o aluno traz para a sala de aula, Alves e Garcia (2001) relatam que é comum uma criança chegar à sala de aula com uma curiosidade e a professora responder que aquele assunto ele irá estudar em outra série que não aquela, que aquele assunto é muito difícil para a série em que ele se encontra. É incrível a capacidade que o ser humano tem de subestimar a capacidade do outro.

Esteban e Zaccur (2002, p.14) trazem no seu texto uma importante reflexão: "Sabe-se quanto é difícil a superação da dicotomia entre o fazer e o pensar matrizada na divisão do trabalho e na hierarquização: uns para fazer, outros para pensar, uns dominando a teoria, outros limitados à prática mecanizante", pode-se observar também o quanto é importante que o professor seja também um pesquisador, pois assim ele poderá pesquisar e repensar suas próprias práticas, transformando assim situações críticas cotidianas como a de professores que têm que reprovar grande parte de uma turma cuja meta esperada não foi atingida.

Os professores/as sendo capazes (sensíveis) de perceber esses alunos, essa situação de dificuldade que a grande maioria deles passa no processo de aprendizagem e que não pode ser considerada sem importância, muito menos deixada de lado, observará, pesquisará e repensarão suas práticas, tomando atitudes em relação às mesmas, criadas a partir de seus estudos e com isso transformando o aprendizado dos seus alunos, num processo que deve ser contínuo.

“Aquele professora que se aplica em reler a sua prática, submetendo-se ao olhar avaliador, questionando as respostas obtidas caminha no sentido de desnaturalizar o senso comum. E nesse fazer vai se esboçando uma

professora-pesquisadora que ocorre aos espaços onde se discute o processo ensino-aprendizagem, retornando à universidade em busca de interlocutores que a ajudem a ver mais ampla e profundamente suas questões” (ESTEBAN E ZACCUR, 2002, p.16).

Assim como mostram as autoras, penso que na faculdade aprende-se na matéria de estágio, por exemplo, que o professor deve estar sempre se questionando em relação à sua prática, visto que esta é de extrema importância para o processo de aprendizagem do aluno. Pesquisando, relacionando a prática com a teoria, o professor tem a possibilidade de “dialogar” com os alunos para juntos diagnosticarem o problema que está os atrapalhando a “caminhar”, transformando-o num processo de aprendizagem muito mais dinâmico (fácil) e prazeroso para ambos. A conscientização de que o homem sozinho não é capaz de dominar todo conhecimento e “transformar o mundo”, é muito importante. Precisamos ouvir críticas e sugestões sobre o que produzimos e nos apropriar de algumas idéias alheias, por isso é tão importante a troca, o trabalho em equipe. E como podemos ver nas reflexões de Alves e Garcia (2001), o professor preso a conhecimentos específicos e deles não se desvinculando, não se permitindo conhecer, compartilhar de outras disciplinas, não conseguirá ajudar os alunos a vencerem seus medos e produzir conhecimento.

Essa dificuldade dos alunos de se expressar, de criar, de descobrir novas idéias vem dessa prática descrita por Alves e Garcia (2001), prática essa que ainda é difícil de superar, de que as crianças só aprendem se estiverem em silêncio, paradas. O movimento é visto como uma ação que atrapalha a concentração, mas na verdade sabemos que essa é uma prática de quem deseja criar seres submissos. A escola seleciona todo o tempo os alunos sem que eles percebam. Mais uma vez nos pensamentos de Alves e Garcia (2001), elas falam que os alunos são separados conforme suas capacidades e que os conteúdos a serem passados também são separados conforme sua importância, lembrando é claro que sempre visando beneficiar os “poderosos”. As matérias de artes, educação física, história, sempre terão menos tempo do que a de matemática por exemplo. A escola estipula um “nível” de qualidade como padrão e os que não alcançam esse nível, são excluídos, pois os que detêm o poder exigem uma escola que ensine o “máximo”, pois alegam que quem manda tem que saber mais do que os que serão mandados, e esses por sua vez devem acreditar que nada sabem e/ou o pouco que sabem nada vale. Toda essa prática, segundo as autoras, sempre foi contrariada mesmo que impedida de se manifestar na maioria das vezes. A verdade é

que os poderosos têm um enorme receio que do tão negado caos, possa surgir uma organização que venha defender suas idéias.

O conhecimento funciona de maneira muito mais eficaz quando é articulado, não só ao cotidiano do aluno, mas também a outras áreas de conhecimentos, pois às vezes tem conceitos de matemática, por exemplo, que podem ser usadas pelo professor de Biologia para esclarecer um conteúdo de sua matéria e assim no texto de Alves e Garcia (2001), as autoras relatam que não há como solucionar um problema complexo sem que haja uma aproximação entre as várias áreas de conhecimento, que antes eram vistas separadamente e hoje tem a necessidade de romper barreiras para superar problemas que a realidade os impõe.

Esteban e Zaccur (2002), falam sobre o reconhecimento que os professores dão aos alunos (universitários), que demonstram real interesse pelo que se predispuseram a fazer, lendo, investigando, participando de verdade das discussões em busca não de um fim, mas de um meio para recriar a prática. “A pesquisa é entendida como o momento do pensar: pensar para orientar o fazer de outros” (2002, p.17). Assim como explicam as autoras, essa formação de professor-pesquisador, não é talvez bem trabalhada nos cursos de formação, até porque criou-se um “furo” na parceria que deveria ser forte entre teoria e prática, que por sua vez leva-nos a um pensamento errôneo de que basta-se aplicação de metodologias formuladas (a famosa mecanização do conhecimento), que já sabemos no que resulta.

Segundo as autoras Esteban e Zaccur (2002), os estágios por sua vez são vistos como meros treinamentos para efetiva ação docente, o que deveria ser utilizado e visto como um meio de relacionar disciplinas teóricas e práticas que ajudariam os alunos a perceberem suas práticas (ações). Quase que um trabalho de pesquisa. Os estágios não devem ter somente o caráter se assim posso dizer, de provar que o aluno aprendeu o que lhe foi passado na teoria, mas sim de funcionar também como uma ponte ligando prática e teoria, sendo assim os alunos no seu momento de prática poderão anotar suas dúvidas, idéias etc e trazerem para serem discutidas em sala. Sendo assim, percebemos que não se consegue chegar a uma solução eficaz se persistirmos no individualismo e não aceitarmos a cooperação. “Tudo isso não é novo para tantas professoras que souberam/sabem que sozinhas não vão muito longe...” (ALVES e GARCIA, 2001, p. 97).

É importante esse interesse das professoras em trocar experiências para melhoria de suas práticas, pois essas interferem de maneira fundamental no processo ensino-aprendizagem dos alunos, contribuindo para o sucesso ou não dos mesmos.

Podemos observar essa situação em uma passagem do texto de Alves e Garcia (2001) em que as autoras relatam a história (prática) de outra professora (Leila) que usava uma forma diferente de ensinar das demais professoras da escola, que causava um caos na sala de aula e que assustava quem passava por perto de sua sala, mas ninguém falava nada, porque os resultados obtidos no final do ano eram ótimos.

É importante essa prática diferenciada, a qual tira a criança daquela apatia que muitas das vezes lhe é imposta. Nada comprova que a criança só aprende se for parada e em silêncio, muito pelo contrário. Como diz Freire: “Como podemos propor para uma criança uma educação de corpo inteiro se não aceitamos sua mobilização”. (1989, p.13)

A prática dessa professora Leila que pode assustar alguns que ainda se encontram “congelados” as práticas conservadoras, nada mais é do que uma troca de saberes entre aluno-aluno e aluno-professor. O problema, se assim posso dizer, é que alguns professores ainda estão resistentes à idéia de que não são donos do saber e que os alunos também trazem contribuições importantes para o seu processo de aprendizagem. Se pararmos e observarmos, iremos perceber que muitas dessas trocas quando permitidas e estimuladas no ambiente de aprendizagem só têm a enriquecer a prática do professor e facilitar o processo do aluno.

“Para alguns, a professora de geografia fugira do programa de geografia e entrara numa área que não é sua. Para outros, a professora de geografia tivera coragem de romper a divisão disciplinar ensinando isto e aquilo, transversalmente” (ALVES e GARCIA, 2001, p.107).

É interessante ver que alguns professores preocupam-se em trazer novidades para as aulas, o que estimula o interesse dos alunos, faz a aula fluir e obterem um melhor resultado, que muitas vezes até os surpreende.

Para finalizar a conversa, quero realçar que com toda a importância que nos tem a teoria, é ela a prática que é vista como ponto de partida, pois é a partir de questões surgidas da mesma que se cria a necessidade de se investigar novos caminhos.

Objetivos e possíveis encontros

Ao pensar em práticas pedagógicas tive varias indagações, inúmeras idéias e como algumas das questões que me interessaram eram bem abrangentes optei por fazer alguns recortes para que pudesse ter resultados satisfatórios sobre determinados pontos que mais me chamaram a atenção, tais como, analisar se as professoras se preocupam

em pesquisar e se atualizar para suprir as necessidades que o cotidiano escolar lhes impõe, já que parte das dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem pode decorrer de uma prática pedagógica que não se volta, especificamente, ao atendimento das necessidades e especificidades dos alunos. Outro ponto que também me instigava refletir era sobre a heterogeneidade nas salas de aula, por esse motivo decidi investigar se a heterogeneidade é aceita pelas professoras, se é potencializada e trabalhada de forma a incluir todos os alunos, pois segundo testemunhos de colegas, não é algo fácil de ser trabalhado, porém é importante e de direito de todas as crianças essa interação.

A relação professor-aluno, se em alguns momentos da história da educação, era muito mais respeitosa e valorizada, como nos diz Silva (2009), atualmente vemos uma dificuldade muito grande nas salas de aula por conta de inúmeros motivos, um dos principais é a falta de companheirismo, se assim podemos dizer, dos alunos e professoras nessa relação de aprendizagem mútua. Sendo assim, considere pertinente, também analisar e buscar compreender a partir das respostas das professoras, em que pressupostos elas se basearam para desenvolverem suas práticas. Investigar o que elas pensam do papel do educador na nossa sociedade. Como e o que elas fazem para melhorar essa relação professor-aluno que está cada dia mais difícil, e que segundo Freire:

“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimento”(FREIRE, 2011, p.47).

Entendo ser extremamente importante esse questionamento das professoras sobre suas práticas e por isso achei interessante analisar se as mesmas refletem sobre esta questão da diferença entre o ato de ensinar e de transferir conhecimento comentado por Freire. Como e se elas se questionam para não se deixarem cair em atitudes “conservadoras”, focando apenas no ensino (conteúdo) e não na aprendizagem e no sujeito da aprendizagem (quem e como aprende), fator que se coloca totalmente contrário às palavras ditas acima.

Como auxílio nesse percurso utilizei como disse anteriormente, de um questionário, com o objetivo de entender melhor por meio das palavras das professoras um pouco desses questionamentos. Adiante fiz uma análise das respostas das professoras, destacando pontos a partir de meu interesse investigativo.

Considero que as professoras têm bastantes pontos em comum referindo-se às práticas pedagógicas, mas são bem diferentes em outros pontos, o que deixa a pesquisa ainda mais rica. Helane e Angélica, por exemplo, são professoras da rede municipal de São Gonçalo e têm outra formação além do curso normal. Helane é formada em Educação Física e diz que vê nessa outra formação uma ferramenta a mais para trabalhar com as crianças, apesar de relatar que um trabalho diferenciado requer uma maior dedicação que nem sempre é possível. Já Angélica, iniciou o curso de Matemática, que segundo ela, pensava ser sua paixão, mas acabou descobrindo que na verdade era a Biologia que a interessava de fato. Assim, no decorrer do questionário ela narra um pouco de sua luta contra o tempo e os outros empecilhos para dar conta da sua vida pessoal e profissional. As outras três professoras da rede particular, Cristiane, Carla e Renata, apesar do longo tempo de magistério, não prosseguiram para uma graduação, mas admitem ser importante. Elas dizem que apesar de não estarem estudando diariamente, procuram estar “em dia” com as novidades que cercam o cotidiano escolar.

Com toda essa informação vou tecendo a seguir uma discussão com propósito de entender melhor esse universo que é a sala de aula e seus desdobramentos.

Reflexões sobre as práticas pedagógicas

“Em alguns momentos mais mulheres, em outros mais professoras, mas em todos os momentos as dimensões pessoal e profissional estabeleciam um elo. Portanto, não é possível compreender uma dimensão sem a outra. Neste sentido, ao fazer a reflexão sobre o percurso profissional, percebendo a inter-relação entre as dimensões profissionais e pessoais, perceptível torna-se o

quanto esta relação reflete em outra dimensão: a prática pedagógica” (JESUS, 1998, p.8-9).

As professoras ao responderem o questionário e algumas até mesmo em uma conversa que tive a oportunidade de ter, diziam que sempre sonharam em serem professoras. Angélica diz: sempre quis ser professora, porque gosto de criança, porque gosto de explicar e porque adoro aprender. Nas minhas brincadeiras eu sempre era a professora. Das 5 professoras que responderam o questionário, todas relatam essa mesma justificativa, ou algo bem parecido. Nesse caso, de início imaginei que não encontraria grandes confissões “negativas”, muito pelo contrário, pensei encontrar professoras com histórias de satisfação e grandes feitos.

Ao ler os questionários e mesmo com as que tive a oportunidade de ter um diálogo mais próximo, vi que não era bem assim, mesmo com todo o ideário que aprendemos no curso de formação, sabemos que a realidade da nossa educação é bem diferente, isso não só para as escolas públicas, mas também para escolas particulares. Sabemos que apesar de investirem em alguns cursos para a formação continuada das professoras, estas não têm disponibilidade de horário para estarem frequentando estes cursos, por vários motivos que já se vem sendo discutidos, mas vale destacar que as professoras têm que trabalhar em várias escolas para ganhar algo próximo do considerado justo pelo seu trabalho.

Não seguirei adiante com esta discussão no que tange aos percalços da profissão, condições adversas de trabalho, falta de investimento na educação, baixo status profissional etc, pois esse não é foco deste trabalho, foi apenas uma justificativa para a impossibilidade de algumas de nossas professoras de não poderem estar trazendo coisas novas para suas práticas, se “reciclando” como costumamos ouvir. Como nos fala Angélica, que fez o curso normal, cursou alguns períodos de matemática e cursa biologia na UERJ/FFP, segundo ela quando dá tempo.

A formação constante e atualização devem acontecer em qualquer profissão. Não há nenhum profissional que saia “pronta” para toda vida. Porém, infelizmente, na área em que atuo, a chamada “formação continuada” ajuda pouco, pois na maioria das vezes não é direcionada para as nossas dúvidas e dificuldades, fora os empecilhos que encontramos para estarmos nos lugares que oferecem os tais curso (Angélica).

Quando falamos em formação, assim como nos acrescenta Angélica, pensamos em algo constante, até porque como nos ensina (FREIRE, 2011), ensinar exige do homem essa consciência do inacabado, visto que ele entende que sabe e sente a necessidade de saber muito mais.

Quando li a resposta de Angélica sobre a pergunta: Qual a relação que você percebe entre o que se é estudado no curso de formação e a realidade vivida nas escolas? A resposta me chamou atenção, pois ela fala sobre a oposição entre o que lhes é ensinado e o que enfrentam ao chegarem à escola. O curso de formação nos ensina a ser "pastores de ovelhas". Ovelhas são dóceis, calmas e aceitam de bom grado o controle do pastor. Quando entramos em sala de aula, a realidade é outra (Angélica). Entendo que o fato das crianças não serem ovelhas dóceis tenha lhe mostrado o quanto é oposto a teoria da prática vivida nas salas de aula. O papel que atribuímos à educação é de conduzir seres, de ensinar e etc, na realidade é bem diferente, pois os sujeitos precisam de quem os ajude a caminhar, de quem co-construa caminhos e possibilidades e os ajude a transformar suas realidades, assim como nos diz (FREIRE, 2011) em suas reflexões, que o professor deve ter essa consciência de que ensinar é criar possibilidades. Mas o que entendi no que Angélica disse foi que as professoras mostram uma grande oposição ao que acabamos de ver em Freire, uma resistência, pois a realidade nas salas de aula é bem complexa, há uma passividade imposta na maioria das relações ensino aprendizagem, o que dificulta grande parte do processo.

Nos cursos de formação como temos a oportunidade de observar na UERJ/FFP, por exemplo, os alunos têm a chance de conhecer diversas visões sobre as práticas, mas o que vimos prevalecer nas maiorias das salas de aula são atitudes conservadoras que visam engessar os alunos e as professoras aos moldes que favorecem aos dominantes, assim nos fala Freire (2011) sobre "o discurso hipócrita do educador":

"Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade do mestre" (FREIRE, 2011, p.61).

Atitudes como essas são tomadas diariamente nas escolas pelas professoras que ao fazerem despercebidas, agem contrariando seu discurso, pois já se tornou algo habitual, devido a tudo que lhes é imposto pelos seus superiores e também em alguns casos pelo comodismo que a situação lhes proporciona.

Zeichner (2002) nos ajuda a entender qual é o papel que é imposto as nossas professoras pelas ditas reformas educacionais, que ao contrário de investir em formação continuada para estimular novas idéias para as formas de ensinar, visam como ele mesmo nos diz: “preparar os professores para serem implementadores eficientes das políticas desenvolvidas por quem está fora da realidade da sala de aula” (p.???).

As práticas pedagógicas vêm cheias de limitações e exigências, todas para enquadrar a escola nos padrões que convém às necessidades dos governantes. Assim como nos disse Angélica anteriormente, os governantes dizem investir em “preparar os professores”, mas esse preparo nunca está ao alcance dos mesmos.

Minha prática foi se modificando para adaptar-se ao “novo” aluno, vindo da “nova” sociedade, bem diferentes em valores, deveres e direitos, daqueles nos quais fui criada. Acho que todas as mudanças que ocorreram ao longo de minha carreira foram importantes e necessárias, porque assim acho que consigo alcançar os meus objetivos que é ensinar.
(Angélica)

Com todas as dificuldades que rodeiam a escola, é perceptível uma preocupação da professora com a sua turma em relação à adaptação, necessidades diversas da turma em questão de aprendizagem. Angélica faz questão de deixar claro que entende que os alunos têm suas particularidades e ela tem consciência de que as coisas se modificam e, de acordo com sua fala, a atualização profissional é muito importante. Esses pensamentos de Angélica dialogam com Sampaio (2008) quando ela diz que provocando o aluno e apresentando-lhe recursos diversos, é possível ajudá-lo em sua aprendizagem, respeitando seu tempo de aprendizado. Angélica diz não ter uma prática específica: Minha prática tem um pouco de tudo. Tudo que for ajudar na aprendizagem do meu aluno eu vou incorporando. E o tempo todo tento fazer com que eles pensem no que estão fazendo, nos “porquês” e nos “como”. Ela acredita que são essas atitudes, essa busca por “todos os lados” que a ajuda a desenvolver com sucesso a aprendizagem de sua turma. Ela diz que se todas as professoras pudessem buscar incessantemente novos meios de

ajudar seus alunos como ela tenta, a educação estaria um pouco melhor, mas como a maioria espera ajuda externa (governo), continuamos com esse enorme índice de dificuldades.

Esteban e Zaccur (2002) nos ajudam a entender a importância que tem o fato de as professoras serem também pesquisadoras de suas práticas, pois com essa ferramenta, elas terão a possibilidade de perceber o cotidiano escolar em que estão inseridas e tentar transformá-lo. E esse é o diferencial importante em tudo isso, o valor que as professoras adicionam às suas práticas, ao aprendizado de seus alunos e o seu próprio aprendizado.

Nesse contexto direciono uma das perguntas do questionário sobre a relação professor-aluno, ou seja, como as professoras percebem essa relação nos dias atuais? E apesar de toda essa desenvoltura com sua turma, de declarar que numa porcentagem bem satisfatória ela consegue classificar sua turma como “capacitados”, pelo trabalho realizado a cada dia e que ela considera ser ótimo. Angélica diz que consegue ter uma boa relação com a turma, com muita conversa, combinados e procurando adequar quando possível os conteúdos ao interesse dos alunos em aprender, às suas curiosidades, mas afirma que nem todas as professoras têm essa preocupação, o que pode tornar o trabalho um pouco mais difícil. Angélica atribui essa dificuldade na relação professor-aluno, no contexto atual, à falta de um bom relacionamento familiar, pois segundo ela: A relação professor-aluno está cada dia mais difícil. Mas basta olhar ao redor e perceber que as relações humanas estão cada dia mais difíceis. A forma de tratar os pais, irmãos e amigos já não é a mesma. Porque seria entre professores e alunos? (Angélica)

Assim como nos mostra Angélica, que parece ter uma relação de reciprocidade com seus alunos, acredito em uma boa aprendizagem que nasça de uma troca entre professoras e alunos. Apoio a atitude de estar desconstruindo em sala de aula a ideia de que o professor é “dono do saber”, trazendo assim os alunos a participarem da aula, tirando suas dúvidas e compreendendo-os como agentes no seu processo de aprendizagem. Voltamos a Esteban e Zaccur que nos ajudam a entender todo esse processo pelo qual é construída a relação professor-aluno:

“Muitas vezes, o discurso pedagógico é prontamente assimilado, mas não chega a revitalizar a prática, outras vezes provoca resistência das professoras que, fechada a porta da sala de aula, voltam às práticas consolidadas. Há ainda casos, em que a ação pedagógica se “renova”, mas na realidade vive-se a mudança pela não-mudança, confiantes na modernidade do “novo” fazer.

Mas, é claro, não faltam aquelas que recolhem e processam as informações recebidas, entretecendo-as a sua história de professora atenta à leitura das sinalizações do cotidiano. Não seriam essas as professoras que já se questionavam, as que já buscavam entender o processo? (Esteban e Zaccur, 2002, p.13).

É importante essa preocupação do professor com o processo, a busca pela mudança para melhoria de suas práticas, focando sempre não só o crescimento profissional, mas também e não menos importante, o aprendizado do aluno. Volto, então, a um pensamento de Freire que complementa perfeitamente o que acabo de dizer:

“Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento”(Freire ,2011, p.47)

É indiscutível que a educação vem passando há um longo tempo por um descaso por parte do governo e que os/as professores/as em sua incessante luta, reivindicam por melhorias, que creio que se realizarão tardiamente. A sociedade não dá ao educador o seu lugar de mérito, boas condições para desenvolver seu trabalho, não facilitam o acesso de fato à educação para todos, nem tem interesse a não ser no discurso de melhorar a nossa educação e todos sabemos o porquê. Seres críticos e autônomos prejudicariam o interesse dos governantes e causaria um grande tumulto em uma situação que está sobre controle há décadas.

As professoras devem valorizar nas suas turmas o trabalho em equipe e levar os seus alunos a perceberem-se como seres críticos, criativos, que são capazes de transformar o seu cotidiano, capazes de fazer a diferença. Sabemos que o trabalho é difícil, visto que a professora ao aproximar-se da realidade dos alunos, entender o seu entorno e assim poder realizar um trabalho que será de real eficácia, muitas das vezes se depara com crianças que tem pais ausentes, que nem sempre é por escolha, na verdade eles vêm na escola uma possibilidade de deixarem seus filhos seguros para trabalharem, ou seja, pelas circunstâncias da vida, pelas desigualdades sociais etc. No entanto, o fator familiar não é o único que dificulta a prática pedagógica e Angélica nos traz interessantes palavras:

Vejo o trabalho docente como um papel indispensável e muito pouco valorizado. Entre os fatores que facilitam/dificultam o trabalho em sala de aula, posso citar: presença/ausência de pais responsáveis pelos seus filhos, a falta de interesse de nossa

sociedade pela educação, os péssimos exemplos mostrados todos os dias pela mídia, a falta de políticas realmente interessadas no aprendizado do aluno. (Angélica)

Refletindo sobre o pensamento de Angélica, podemos analisar a necessidade do trabalhador (homem/mulher) estar por longo tempo fora de casa, transferindo muitas vezes a responsabilidade de educar seus filhos para a escola, sendo assim, a professora acaba tomando para si o papel de mãe do aluno. A sociedade por sua vez, se utiliza da educação, assim como da saúde etc, como meio de atingir a população menos favorecida, com promessas que nunca serão cumpridas ou que quem sabe, tardiamente. A verdade é que um povo com consciência e atitude, atrapalharia os interesses dos que estão no poder, pois cobriam o que lhes é de direito, sendo assim, manter nas escolas uma educação mecanicista, voltada aos seus interesses, é muito mais satisfatório.

Penso que é muito importante as professoras estarem pesquisando, relacionando as suas experiências (prática) às teorias que as embasam, buscando sempre o equilíbrio para um aprendizado satisfatório.

Helane, outra professora que participa da pesquisa, tem uma opinião que se entrelaça a de Angélica (sua colega, pois trabalham na mesma escola) e a de Cristiane (professora do colégio Guilherme Costa), quando se trata do papel que o professor exerce nos dias atuais. Ela diz:

Entendo como alguém que além de educar, precisa ensinar todos os valores éticos, morais etc..... para que assim ele consiga fazer um bom trabalho. Não somente dar a formação necessária para que o aluno aprenda os conteúdos, mas é nadar contra a maré de tudo que vai contra a educação. É ser professora, pai, mãe, avô, avó eÉ fazer tudo o que ninguém mais faz (Helane).

Cristiane enfatiza bem essa questão dos professores tomarem para si o papel dos pais e de outros profissionais, não por quererem, mas por necessidade, visto que os pais deixam por conta da escola (professores) o papel de educar seus filhos, não só no que se trata de socialização ou até mesmo em prepará-los para uma carreira profissional, mas de um modo geral, o que atrasa em parte o trabalho que deveria ser realizado pela escola. A questão já discutida acima, por necessidade talvez de trabalharem por horas excessivas, os pais atribuem à escola todo o trabalho que deveria ser realizado, também por eles, até mesmo para cultivar o respeito e a ligação entre pais e filhos.

Seguindo a linha de raciocínio de Cristiane, Carla (também professora do Colégio Guilherme Costa), nos leva a refletir sobre a relação professor-aluno, que segundo ela é de total desrespeito, pois os pais apesar de transferirem para escola essa responsabilidade de educar seus filhos, não dão autonomia para a escola e ao contrário internalizam em seus filhos o poder que eles acreditam ter sobre a instituição e também sobre as professoras. Assim explica Carla:

A relação professor-aluno nos dias atuais é de total desrespeito aos professores, os alunos hoje não sabem mais o que é respeito. A sociedade atual está passando por mudanças profundas, onde tudo ocorre de maneira rápida e os pais estão sempre ocupados, não tendo tempo de educar os filhos de maneira correta e transferem essa responsabilidade para a escola. Ao mesmo tempo eles não dão autonomia para a escola e acreditam que eles (os pais) e os filhos podem tudo dentro do ambiente escolar, agindo com total desrespeito com os professores, além de não ensinarem os filhos a respeitarem os professores. Outro ponto negativo é a tecnologia que acaba afastando os indivíduos.

Carla vai além quando o assunto é o papel do professor nos dias atuais, ela enfatiza que o educar vai muito além do transmitir conhecimento, assim como nos diz Freire (2011). Por experiência ela diz que tem que trabalhar com seus alunos todos os aspectos afetivos, sociais, atitudinais. Segundo ela não dá pra focar só no cognitivo, pois os alunos estão cada vez mais carentes de atenção e carinho. Assim, o professor em sua aula precisa incentivar a valorização de atitudes de carinho e respeito, ajudando o aluno a se socializar. O professor deve valorizar cada indagação, cada curiosidade, deve respeitar o momento do aluno. Deve ter sempre claro sua tarefa segundo Freire (2011, p.47) “de ensinar e não de transferir conhecimento”.

Como comentado anteriormente e repetido por Carla, a ausência dos pais causa uma enorme carência nos alunos, trazendo ao professor a responsabilidade de suprir essa carência e ainda por cima garantir um bom resultado de aprendizagem por conta da cobrança que recebem não só da escola, mas também desses pais que mesmo ausentes não admitem que seus filhos sejam reprovados.

Renata, colega de trabalho de Carla conta um pouco de sua experiência, diz que como a maioria das professoras ela só adquiriu o conhecimento necessário com a prática do dia-a-dia. Ela reconhece que com o passar dos anos sua prática fica mais rica e diz

que tudo isso é devido a sua vontade de estar sempre pesquisando coisas novas, não deixando suas aulas tornarem-se rotineiras. Procuro sempre buscar coisas novas, acredito na teoria que o aluno também aprende com brincadeiras, procuro sempre formas de fazer com que o aluno sinta prazer de estar estudando. Essa fala nos remete aos pensamentos de Esteban e Zaccur (2002), que valorizam a idéia do professor ser um pesquisador de sua prática. Mesmo assim, Renata confessa que não é fácil, pois apesar de todo o seu esforço:

A meu ver, nos dias atuais a relação entre professor e aluno está cada vez mais difícil. O professor não é mais visto como um mestre, alguém fundamental para a formação de qualquer ser humano. O respeito e a valorização ao professor, infelizmente estão extintos, não só por parte do aluno, como também de seus pais.

Esses vários fatores acima discutidos ajudam e muito para entendermos a grande evasão de alunos que presenciamos nas escolas. E como lembra Renata, a escola brasileira é marcada pelo fracasso, possui uma quantidade significativa de alunos marginalizados por causa do insucesso.

Totalmente ligado a esse assunto está a heterogeneidade nas salas de aula, a maioria das professoras, inclusive as que responderam ao questionário, admitem que a heterogeneidade requer um pouco mais de dedicação e pesquisa da prática, o contrário do que costumamos ver nas salas de aula, pois assim como nos diz Carla: As diferenças em sala de aula não atrapalham, mas fica um pouco mais difícil trabalhar com as crianças que apresentam mais dificuldade. Pode-se perceber que ela não se incomoda com as diferenças em sala e responde ao longo o questionário que ao decorrer de seus 14 anos de profissão muitas coisas mudaram em sua prática devido as diferença de cada turma e também às suas capacidades: ...a cada ano de trabalho você descobre que pode mais. Hoje tenho mais firmeza no que faço e procuro sempre tentar melhorar, fazer algo diferente. Mesmo assim ela volta a dizer que a heterogeneidade não é algo bem aceito por todas as professoras e escolas, na maioria das vezes essas crianças são marginalizadas para que não “atrapalhem” o desenvolvimento da turma. Assim volto às palavras de Esteban e Zaccur que discutem essa resistência que a maioria das professoras tem a mudança:

“Muitas vezes, o discurso pedagógico é prontamente assimilado, mas não chega a revitalizar a prática, outras vezes provoca resistência das professoras que, fechada a porta da sala de aula, voltam às práticas consolidadas. Há ainda casos, em que a ação pedagógica se “renova”, mas na realidade vive-se a mudança pela não-mudança, confiantes na modernidade do “novo” fazer. Mas, é claro, não faltam aquelas que recolhem e processam as informações recebidas, entretecendo-as a sua história de professora atenta à leitura das sinalizações do cotidiano. Não seriam essas as professoras que já se questionavam, as que já buscavam entender o processo?” (Esteban e Zaccur, 2002, p.13).

Lidar com as diferenças, as dificuldades, tentar entender o outro é algo complexo, mas nada impede que tentemos e acho que é esse o principal trabalho de um professor, tentar não só ensinar, mas entender o outro, trabalhar as suas dificuldades para que essas sejam superadas e não podemos deixar que os obstáculos e dificuldades nos desanimem e nos façam desistir, porque se nos propomos a educar, devemos fazer o nosso melhor.

Considerações finais

O presente trabalho teve como propósito compreender como as professoras se percebem no cotidiano escolar em relação à sua prática, na relação que estabelecem com os alunos no processo de aprendizagem e o que pensam da formação inicial e da formação contínua que, eventualmente, é oferecida.

Com isso, através das pesquisas feitas e principalmente do questionário aplicado, pude perceber que as professoras, apesar de se dizerem dinâmicas e esforçadas a trazerem práticas inovadoras, admitem que ainda há grande resistência ao “novo” por parte de muitas, pois o “novo” dá trabalho como nos diz Carla: As diferenças em sala de aula não atrapalham, mas fica um pouco mais difícil trabalhar com as crianças que apresentam mais dificuldade. Assim, Esteban e Zaccur (2002), nos ajudam a argumentar neste sentido quando dizem que, muitas vezes as professoras acham mais fácil voltar às práticas consolidadas do que buscar inovações, não generalizando, pois existem os casos, também, daquelas que pensam e se questionam talvez tentando entender o processo.

O que se pode perceber também é a grande batalha travada entre a educação que deve ser adquirida no ambiente familiar e que por muitas vezes e, por inúmeras razões, tem sido transferida para a escola, dificultando, como pude observar em diversos relatos, o trabalho do professor e sua relação com os alunos como nos diz Carla:

A relação professor-aluno nos dias atuais é de total desrespeito aos professores, os alunos hoje não sabem mais o que é respeito. A sociedade atual está passando por mudanças profundas, onde tudo ocorre de maneira rápida e os pais estão sempre ocupados, não tendo tempo de educar os filhos de maneira correta e transferem essa responsabilidade para a escola. Ao mesmo tempo eles não dão autonomia para a escola e acreditam que eles (os pais) e os filhos podem tudo dentro do ambiente escolar, agindo com total desrespeito com os professores, além de não ensinarem os filhos a respeitarem os professores.....

Contudo, as professoras não pensam em desistir, muito pelo contrário, vê-se em seus relatos que a maioria se esforça, mesmo com a dificuldade cotidiana e diante das adversidades com as quais se deparam no exercício do magistério, pois acreditam no que fazem e como nos diz Freire (2011) na tarefa que têm a de ensinar e não de transferir conhecimento.

Com esse trabalho pude perceber que temos uma longa caminhada até alcançarmos nosso objetivo de uma educação de qualidade que vise não só atingir positivamente nossos alunos mais também os nossos professores, a fim de possibilitar a criação de novas práticas que privilegiem o processo de aprendizagem. Mesmo assim as professoras não devem deixar de lutar e estar sempre se questionando em relação às suas práticas, pois segundo Esteban e Zaccur (2002), esse é o diferencial, o valor que elas adicionam a sua prática e a aprendizagem mútua entre ela e os alunos.

Sendo assim, mesmo que o processo seja demorado, faz-se necessário que as professoras e toda equipe escolar desenvolvam práticas dentro das suas condições que auxiliem na tentativa de transformar toda essa situação que encontramos nas escolas atualmente, de desmoralização da profissão docente, de alto índice de dificuldade de aprendizagem e que aos poucos, com muita discussão e ação, tentaremos transformar.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Nilda; GARCIA, R. L. Atravessando Fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. *IN*: ALVES, Nilda; GARCIA, R. L. (orgs.) *O Sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (p.81-110).

ESTEBAN, M. T. ; ZACCUR, E. A pesquisa como eixo de formação docente. *IN* _____.(orgs.). *Professora-pesquisadora uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p.11-24).

FILHO, A. J. Brincadeira também é coisa séria. *Nós da escola*. Pé na estrada, n. 30, 2005.

FREIRE, J.B. *Educação de corpo inteiro*. Teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989. (p.12-13).

JESUS, R. F. *Professoras da escola pública- por que ficam? Uma história a contar.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense.1998.

SILVA, A. A. Desacompanhamento, Desinteresse, Desrespeito. Nossos Alunos Não São Mais Como Antigamente. Artigonal, diretório de artigos gratuito. Rondônia. 2009

SILVA, M. A. O; CUNHA, M. F. G. Escola como espaço de formação. *Nós da escola*, calidoscópio. n. 45, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SAMPAIO, C. S. A complexidade do processo ensino aprendizagem. *IN: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (orgs.) Alfabetização: Reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes.* São Paulo: Cortez, 2008.

ZEICHNER, K. M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. *IN: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D; PEREIRA, E. M. A. (orgs.) Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a).* Campinas, SP: Mercado das Letras,1998.

Anexo

Questões para as professoras que atuam no 1º Segmento do Ensino Fundamental

- 1- Nome: _____(opcional)
- 2- Idade: _____ (opcional)
- 3- Tempo atuação no magistério:_____
- 4- Formação Acadêmica Inicial: () Curso Normal () Curso de Pedagogia
- 5- Outra Formação Acadêmica: _____
- 6- Escola na qual atua no momento: () pública ()privada
- 7- Nome da instituição:_____ (opcional)
- 8- Turma com a qual está atuando no momento: _____
- 9- Turmas nas quais atuou em sua carreira até o momento:_____
- _____
- 10- Tem alguma preferência por segmento e/ou área de atuação? _____
- _____

11- O magistério foi uma opção? () Sim () Não

Por quê? _____

>>Você considera que a formação que obteve no Curso Normal e/ou Curso de Pedagogia tem sido suficiente para atender as necessidades do cotidiano escolar, ou concorda com alguns autores que defendem a questão de uma formação constante? Por quê?

>>Qual a relação que você percebe entre o que é estudado no curso de formação e a realidade vivida nas escolas?

>> Considerando sua experiência pedagógica, que mudanças você percebe em sua prática pedagógica ao longo dos anos? Por que acha que elas ocorreram? Você as considera importantes? Por quê?

>>O que você acha da heterogeneidade (ou das diferenças) presente/s na sala de aula? Considera que esta heterogeneidade (ou as diferenças) facilita/facilitam ou dificulta/dificultam seu trabalho? Como você percebe e trabalha com uma criança que ainda não possui autonomia para desenvolver suas atividades em uma turma em que a maioria já possui?

>>Como você descreveria sua prática pedagógica? Por que trabalha desta forma?

>>Sabemos que a prática pedagógica tem uma teoria que a embasa e acreditamos que prática-teoria-prática não se dissociam. Assim, que pressupostos teóricos embasam sua prática pedagógica?

>>Como você vê a relação professor-aluno nos dias atuais? Você percebe mudanças nesta relação ao longo de sua carreira no magistério? (se afirmativa): A que atribui as mudanças ocorridas?

>> António Nóvoa (1992), categoriza os estudos de História de Vida de professores a partir de três dimensões: pessoal, prática e profissional. Optei pela dimensão da prática pedagógica em meu estudo, tendo clareza de que esta dimensão envolve as demais dimensões, bem como que individual e coletivo estão em diálogo, como nos aponta o próprio autor.

-Assim, como você vê o papel do “profissional docente” nos dias atuais? Quais os condicionantes externos que interferem (facilitando e/ou dificultando) as ações da prática pedagógica?